

Diversão & Arte

CANDANGO EM TRANSE



DISPENSA DO INEDITISMO PARA OS FILMES CONCORRENTES E OUTRAS INOVAÇÕES PODEM REVELAR UMA EDIÇÃO IMPREVISÍVEL E INOVADORA DA MOSTRA

44º
Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

» YALE GONTIJO
» TIAGO FARIA
» FELIPE MORAES

Com a promessa de uma edição “nova, moderna e instigante”, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro completa 44 anos diante de um desafio que deve se revelar decisivo para a história da mostra mais antiga do país: mudar para permanecer relevante. No papel, a intenção pode parecer bem-vinda, e acima de qualquer polêmica. Mas as alterações radicais no perfil do evento, divulgadas há quatro meses pela Secretaria de Cultura do DF, instalaram um clima de incerteza entre cineastas, críticos e cinéfilos. Sabe-se que o Festival de Brasília não é mais o mesmo. Mas que festival será este? A resposta ao mistério será conhecida a partir de amanhã, quando o roteiro de novidades finalmente entra em cartaz.

Para se impor diante da concorrência de festivais, Brasília aboliu a valorização do ineditismo na escolha dos longas-metragens, se antecipou no calendário do ano cinematográfico e instituiu prêmios maiores em dinheiro. A série de medidas foi tomada para garantir uma programação mais robusta. Na prática, no entanto, o pacote de reformas trouxe efeitos que preocupam uma parte da classe cinematográfica. A mais controversa envolve o novo critério de seleção de filmes: entre jornalistas que cobrem o evento, correm críticas de que uma competição “de segunda mão” (com longas que disputaram em outras mostras brasileiras) pode enfraquecer o prestígio da capital.

O argumento é defendido por membros da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), e rejeitado pela coordenação do Festival de Brasília, que aposta no objetivo de exibir “o melhor da produção nacional”, independentemente do ineditismo. “As mudanças conceituais precisavam ter sido feitas. O festival tem que voltar a ser importante para Brasília, para o cinema brasileiro e para o país”, afirma Nilson Rodrigues, coordenador geral do evento.

Entre cineastas e produtores, não há consenso em relação ao vespeiro: a maioria vê a alteração com simpatia, já que ela alarga a rede de exibição onde os filmes podem circular e competir. Na Associação Brasileira de Cinema e Vídeo (ABCV), também não há posição unânime, ainda que grande parte seja contrária à queda do ineditismo (leia mais na página 3). “É bom lembrar que o ineditismo nunca foi uma obrigação no Festival de Brasília. Existia a preferência pelo ineditismo”, observa o crítico João Carlos Sampaio, secretário da Abraccine, que já integrou a comissão de seleção há dois anos.

Para Sampaio, os filmes que não são inéditos poderiam ter sido exibidos numa mostra paralela, de caráter informativo (e não competitivo). “Faltou coragem e ousadia. O festival optou por filmes que já foram testados, que já passaram por um crivo. Os filmes são o patrimônio,

a matéria-prima de qualquer festival. Por mais que mudanças sejam necessárias, não se pode rasgar a sua história”, destaca. Ele desconfia que a comissão julgadora não teria tido tempo hábil para ver todos os filmes — foram 624 inscritos, sendo 110 longas (56 inéditos), 415 curtas e 99 fitas de animação. O processo de seleção abarcou o período logo após 30 de junho (o último dia das inscrições) até 15 de julho, quando foi divulgada a lista dos escolhidos. “Não recebi nenhuma reclamação da comissão de seleção nesse sentido”, garante Nilson.

Reprises

Entre os seis longas que disputam Candangos, três já foram exibidos em outras mostras nacionais de grande porte: *Trabalhar cansa*, de Juliana Rojas e Marco Dutra; e *Meu país*, de André Ristum, competiram em Paulínia — e perderam para *A febre do rato*, de Claudio Assis. Já *As hiper mulheres*, de Carlos Fausto, Leonardo Sette e Takumã Kuikuro, estreou em Gramado. Os três filmes foram vistos pela equipe do Correo. Os inéditos no país, que começam a trajetória em Brasília, são *Hoje*, de Tata Amaral; *O homem que não dormia*, de Edgard Navarro; e *Vou rifar meu coração*, de Ana Rieper. Além da mostra principal — que este ano será exibida simultaneamente em mais três cidades (veja quadro) —, o festival contará com cinco seminários, cinco oficinas, quatro mostras paralelas e a Mostra Brasília, agora transferida para o Museu da República.

Cineastas que participam da edição não fazem ressalvas quanto às mudanças promovidas pela Secretaria de Cultura e preferem elogiar o aumento da premiação, que se iguala ao maior prêmio nacional (R\$ 250 mil para o melhor longa, o equivalente ao prêmio máximo de Paulínia). “O valor do prêmio, por si só, já sinaliza que o festival quer apoiar o lançamento dos filmes. Isso devia servir de exemplo”, comenta Tata Amaral. Já Edgard Navarro, vencedor do Candango em 2005 (por *Eu me lembro*), acredita que o festival está se comportando “de uma maneira inteligente”. “Por ser o festival mais tradicional, ele precisava de uma renovação. A mudança de data foi um avanço: antes, ele ficava com o rebotalho dos outros festivais”, diz.

44º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

De 26 de setembro a 3 de outubro. Cerimônia de abertura amanhã, às 20h, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Claudio Santoro, com exibição especial do longa *Rock Brasília – Era de ouro*, de Vladimir Carvalho. A mostra competitiva começa terça-feira, às 20h30, no Cine Brasília, Teatro de Sobradinho, Cinemark Taguatinga Shopping e Teatro Newton Rossi (Ceilândia). Confira preços no Roteiro. Não recomendado para menores de 14 anos.

Fim do ineditismo

» Caiu a defesa do ineditismo na seleção de longas-metragens para a competição oficial. Todos podem concorrer, exceto os que venceram prêmios de melhor filme em outro festival. Por exemplo: *Rock Brasília*, de Vladimir Carvalho, que ganhou em Paulínia, estava ineligível. Mas *Trabalhar cansa*, que foi exibido naquela mostra e não venceu, entrou na disputa.

Data antecipada

» Para não perder filmes para outras mostras — principalmente para o Festival de Rio, que ocorre no início de outubro —, Brasília se antecipou no calendário. Antes organizado no fim de novembro, mudou a data para o fim de setembro. A decisão, no entanto, não esvaziou a seleção do Rio, que vai exibir filmes aguardados de Karim Ainouz, Beto Brant, Kiko Gelfman e Eduardo Coutinho.

Inclusão do digital

» Filmes em digital passam a concorrer nas mostras de curtas e longas. Com isso, acaba a competição específica para curtas digitais — que, principalmente, reunia produções universitárias e de cineastas iniciantes. A Secretaria de Cultura alugou equipamentos para adaptar o formato ao Cine Brasília e às outras três salas de exibição. A qualidade da projeção, no entanto, ainda é um mistério.

Circuito ampliado

» A mostra competitiva, que antes passava primeiro no Cine Brasília, será exibida simultaneamente, às 20h30, no Teatro de Sobradinho, no Cinemark Taguatinga Shopping e no Teatro Newton Rossi (Ceilândia). A reprise das 22h40 permanece apenas no Cine Brasília. No dia seguinte, os filmes passam novamente, às 17h30 e às 20h30, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Mais mostras

» Filmes de animação passam a concorrer a prêmios — ao todo, com isso, serão quatro curtas exibidos nas noites de competição. Também foram criadas as mostras Panorama Brasil (com quatro longas de diferentes estados brasileiros) e Primeiros Filmes (que selecionou também quatro títulos), que ocorrem às tardes no Cine Brasília, a partir de quinta-feira. O Festivalzinho agora exibe curtas de animação em circuito mais amplo, que inclui escolas em várias cidades do DF.

Prêmio maior

» O melhor longa ganhará R\$ 250 mil. No ano passado, ficou com R\$ 80 mil. O aumento do valor, que se iguala ao do Festival de Paulínia, é uma estratégia da organização para brigar por filmes de maior qualidade. Ainda assim, a seleção do Festival do Rio (que não oferece prêmios em dinheiro) não perdeu o brilho.

Nova Mostra Brasília

» O Cine Brasília deixa de receber o minifestival de produções brasileiras, para os filmes que não foram selecionados nas mostras competitivas. Este ano, 60 curtas (quatro deles de animação) serão exibidos em sessões diárias (de terça a domingo) no Auditório 1 do Museu Nacional da República, às 15h, com entrada franca. Os filmes concorrem a prêmios da Câmara Legislativa.

ENTENDA AS MUDANÇAS